

DOI: <http://dx.doi.org/10.19177/rcc.15022020223-225>

**APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ “ENTRE AMIGOS:
PARA ANTONIO CARLOS SANTOS (CACO)”**
**PRESENTATION OF THE DOSSIER “BETWEEN FRIENDS:
TO ANTONIO CARLOS SANTOS (CACO)”**

Ana Carolina Cernicchiaro*
Dilma Beatriz Rocha Juliano**

Esta é uma edição bastante singular da *Revista Crítica Cultural*. Diferentemente dos outros dossiês, neste, o leitor irá encontrar uma série de textos muito pessoais, cartas, poemas, trechos de novelas, colagens, bilhetes..., mesmo os textos acadêmicos que abrem o dossiê carregam a marca de uma subjetividade pouco vista em periódicos científicos. O que nos move, aqui, é a vontade de celebrar os encontros, agradecer a amizade e o companheirismo de Antonio Carlos Santos – o Caco. Trata-se de sublinhar os laços de afeto mobilizados em torno do trabalho e que se espalham para a vida: com livros, com música, com dores, com risadas, com críticas, com dificuldades, com confidências.

Após quase 20 anos de Unisul, Caco fechou um ciclo acadêmico e se desvinculou da universidade, partindo para outras experiências de vida e outras formas menos engessadas de trabalho intelectual. Como amigas, colegas de trabalho, parceiras de pesquisa, companheiras de luta política, não podíamos deixar passar em branco esse momento, queríamos expressar o prazer e o aprendizado que foi compartilhar as alegrias e as dificuldades da vida docente com o Caco, falar da falta que sentimos das conversas, das trocas generosas, dos ensinamentos valiosos, das discussões instigantes, da voz e do violão, do ombro enorme quando as coisas ficavam difíceis (com quem chorar cada gota do naufrágio do país no dia seguinte ao espetáculo de horrores que foi o golpe de 2016) e da risada fácil em todos os outros momentos, enfim, da capacidade de fazer das segundas-feiras um dia para se esperar.

Como editoras da revista no momento em que o dossiê foi pensado¹ e diante da pandemia que impossibilitou nosso primeiro plano (uma festa de abraços e vivas à vida nova), nos pareceu muito natural que essa homenagem se desse na revista que Caco não apenas ajudou a criar como contribuiu ativamente para a manutenção da qualidade do pensamento crítico em seu trabalho como editor, autor e organizador de dossiês, trazendo

* Doutora em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). E-mail: anacer77@yahoo.com.br.

** Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-doutorado pelo Centro de Estudos Comparatistas, da Universidade de Lisboa. Pesquisadora independente. Participante do Grupo Interinstitucional de Pesquisa *Graphias*. E-mail: dbjuliano@hotmail.com

¹ De lá pra cá, a máquina neoliberal tirou mais uma vez o nosso chão com o afastamento de uma das professoras que editavam a revista, mas não do dossiê, porque, afinal, nem todos os quartos da casa foram tomados - *ainda!*, nos alerta Cortázar.

importantes parceiros intelectuais, internacionalizando o periódico, e publicando textos de agudez, acuidade e sensibilidade indiscutíveis.

Obviamente que não estamos sozinhas. A sensibilidade, a alegria, a simpatia, o carinho, a erudição, a generosidade, a consistência do pensamento fizeram com que Caco agrupasse e conservasse tantos amigos quanto livros (e olha que a biblioteca é grande!). Alguns desses parceiros abriram (à foice) um tempo na agenda pandêmica, exprimida pelas aulas e reuniões *online* e pelo produtivismo enlouquecedor da carreira acadêmica, para falar um pouco da relação afetuosa e intelectual, ou intelectual porque afetuosa, que tinham com Caco, para quem, arte e vida, afeto e pensamento não são duas partes de um binômio, mas duas coisas indiscerníveis.

Essa nebulosidade das fronteiras fica evidente, por exemplo, em sua coluna “Diário de viagem”, publicada no *Bazar Americano* desde 2013. O *Bazar* é organizado pela querida amiga Ana Porrúa, professora da Universidade de Mar del Plata, que abre e fecha esse dossiê com duas fascinantes colagens, procedimento, que, como diz Luciana di Leone sobre o trabalho de Porrúa, torna inevitável a pergunta pelos encontros, “as suas violências e as suas delícias, e ainda nos convida a pensar as relações entre imagem e poesia”².

Em seguida, uma participação que nos remete ao melhor desses encontros, à descoberta do amor na maturidade, bonito, singelo, arrebatador. Foi essa paixão que o levou a morar na Alemanha e é ela, Anke Heckman, que abre o dossiê com um bilhete (não traduzimos porque nosso tradutor oficial do alemão é o próprio homenageado), afixando o dossiê-homenagem. Anke, a mulher determinada e amorosa, cita a universidade como ponto inicial do amor entre eles e o encerramento da carreira acadêmica como a possibilidade de estarem juntos e de colocar fim ao vai-e-vem Brasil-Alemanha dos últimos cinco anos.

O primeiro texto acadêmico, não poderia deixar de ser, é de seu orientador Raul Antelo – figura intelectual que perpassa a formação de parte substantiva desse grupo que participa do dossiê. Antelo dedica a Caco uma excelente reflexão sobre o estatuto da arte, do gesto, da imagem a partir de um filme de Joachim Lang a respeito de Brecht e das relações entre arte, lei e comércio.

O corpo leve, pequeno do Caco sempre esteve acompanhado do amigo muito alto, tão magro quanto. Caco e Joca Wolff parecem se complementar tanto física quanto intelectualmente, inclusive na criação da *Revista Crítica Cultural*. É dele o texto seguinte sobre amizade, poesia, música e literatura. Di Leone também participa deste dossiê refletindo sobre uma estética do afeto e do convívio a partir de um acontecimento intempestivo - o relâmpago em César Aira e Rugendas, dois velhos conhecidos de Caco - e de sua própria experiência num momento de tensão e vulnerabilidade como a aula de um concurso.

Durante um curto, mas intenso período, tivemos o prazer de contar com a dedicada genialidade intelectual e a generosidade afetuosa do amigo Artur de Vargas Giorgi no PPGCL. É dele a análise do gesto de escansão da crítica e da criação do pesquisador e escritor Antonio Carlos Santos. Outro grande amigo que aparece nesse dossiê é Byron

² Apresentação do Dossiê “Poesia e modos de contato”, da revista *Terceira Margem*, v. 21, n. 35 (2017).

Velez com um trecho de sua novela *Huida Libre*, em que Caco figura na dedicatória e que é a “cara” do Caco, este incansável leitor de estranhezas geniais. Já Carlos Eduardo Capela, parceiro de bancas e viagens, professor da UFSC como Raul, Joca, Artur e Byron, canta “as bossas e as histórias desse caco inquebrável, inquieto, inquebrantável”.

Na sequência, agora entre cartas e depoimentos, vêm amigos e parceiros intelectuais como as professoras e os professores argentinos, Florencia Garramuño, Mario Cámara, Gabriela Milone, Franca Maccioni e Silvana Santucci que Caco trouxe para a Unisul, promovendo um frutífero debate no PPGCL, enriquecendo a formação dos alunos e do corpo docente e estreitando as relações internacionais do programa.

Como não poderia deixar de ser, convidamos alguns dos muitos alunos e orientandos que sabemos foram marcados pela docência do Caco, como José Isaías Venera, Vera Sommer, Alexandre José Ventura da Silva e Daniela Cristiane Martins.

Caco: esse amigo que vem nos acontecendo a anos e em vários momentos de vida, por vezes vestido de admiração, por outras, transferido nas discórdias teóricas, mas, sobretudo, investido de amor terno, na cúmplice intensidade de muitas vivências.

Que a distância não diminua essa relação fecunda que criamos, que continuemos a pensar juntos, a compartilhar nossas vidas, a *com-sentir* e, portanto, a fazer política; afinal, como diz Agamben, "a amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida. E é essa partilha sem objeto, esse *com-sentir* originário que constitui a política". Felicidades, amigo!

*

Não obstante a licença à forma acadêmica, usada no Dossiê, a *Revista Crítica Cultural* retoma nas seções seguintes seu compromisso com as colaborações críticas à cultura, segundo as regras de periódico universitário. Na seção artigos, teremos um texto de Valdemar Valente Junior sobre a violência no teatro de Plínio Marcos; uma análise do universo literário e músico-teatral de Cordel do Fogo Encantado feita por Maria Beatriz Licursi, Levi Leonido e Elsa Morgado, além da leitura crítica de Jesús Miguel Delgado Del Aguila sobre a obra de Mario Vargas Llosa. A resenha de Adilson Cristiano Habowski, Elaine Conte e Carla Milbradt discute a edição brasileira do bastante atual *A salvação do belo*, de Byung-Chul Han.



Este texto está licenciado com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.